

Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

A palavra latina *litterae*, bem como seus equivalentes nos vernáculos modernos, ao longo da história da cultura ocidental tornou-se objeto de várias adjetivações que visavam a estabelecer distinções conceituais entre tipos diferentes de discursos.

Até onde pudemos apurar, a adjetivação mais antiga deu origem à expressão *humaniores litterae* (ou *litterae humaniores*, em variante menos freqüente), isto é, “letras mais humanas”, acerca da qual encontramos somente registros bastante sumários, que sequer esclarecem o detalhe morfosintático de o adjetivo encontrar-se flexionado no comparativo de superioridade¹. O termo, que teria surgido no latim medieval e permaneceu em uso até o século XVII (cf. MARINO, 1996, p. 57 e 166), parece basear-se na distinção entre “coisas divinas e coisas humanas”, que se tornou usual a partir do início da era cristã, sendo documentada, por exemplo, em Varrão (século I d. C.) e Cassiodoro (século V-VI d. C.) (cf. MARINO, 1996, p. 7 e 17). Designava os escritos profanos, opondo-se assim às expressões *scriptura e divina litteratura* — atestadas desde o século II d. C., em Tertuliano e Cassiano (cf. WELLEK, 1982 [1972], p. 13; MARINO, 1996, p. 7) —, empregadas em relação à Bíblia e a escritos religiosos em geral. O conceito, portanto, apresenta um fundamento teológico, não procedendo pois a seguinte definição, defeituosa tanto por listar elementos heterogêneos aproximados sem critério, quanto por incorrer em anacronismo, ao caracterizar uma noção antiga e medieval com base numa classificação moderna dos discursos escritos, construída a partir da idéia romântica de “imaginação”: “[...] *humaniores litterae* [...] designava a atividade da imaginação, dife-

¹ A flexão do adjetivo poderia fazer supor que se admitia, na época de sua circulação, uma outra classe de letras, as “letras [apenas] humanas”. No entanto, embora a expressão que traduz a idéia — *humanae litterae* — esteja documentada na mesma época (cf. Marino, 1996, p. 57), seu significado coincidia inteiramente com o de *humaniores litterae*.

renciada em poesia, prosa, teatro, ensaio, eloquência, retórica, por oposição aos textos científicos ou filosóficos” (MOISÉS, 1978 [1974], p. 61).

Uma segunda adjetivação suscitou a expressão *litterae humanae* (ou *humanae litterae*, em variante menos comum), ocorrente desde a idade média (cf. MARINO, 1996, p. 57), ou no renascimento, juntamente com *lettres humaines* (século XVI), segundo outra fonte (cf. WELLEK, 1982 [1972], p. 13). Sua origem também se prende à distinção já aludida entre “coisas divinas e coisas humanas”, mais tarde consolidada na tradição aristotélica medieval de segmentação dos saberes: Avicena (século X-XI) fala de uma “ciência superior”, a que chama “metafísica, filosofia primeira ou *ciência divina*”; Domingo Gundisalvo (século XII) divide as ciências em “humanas ou filosóficas” e “divinas ou da revelação”; Roberto Kilwardby (século XIII) distingue entre “Filosofia das coisas divinas” e “Filosofia das coisas humanas” (cf. FERRATER MORA, 1971 [1941], v. 1, p. 288). Tais especulações filosóficas, ao que tudo indica, acabam instrumentalizadas, a partir do século XVI, para o reconhecimento de classes discursivas distintas, estabelecendo-se oposição bastante clara entre o que se chamou “letras humanas” e “letras divinas” (ou “ciências humanas” e “ciências divinas”, equivalência perfeitamente normal numa época anterior à separação conceitual entre ciência e literatura).

Essa terminologia, configurando conceitos construídos com critérios alheios às nossas recentes preocupações relativas à especificidade do discurso literário, acha-se bem documentada em espanhol e português. Cervantes, na primeira parte do *Dom Quixote* (1605), no famoso discurso sobre as armas e as letras (capítulos XXXVII e XXXVIII), assim caracteriza a distinção em apreço:

O fim a que as *letras* se dirigem (e não falo agora, das *divinas*, que aspiram somente a encaminhar as almas para o céu, fim êste tão sem fim, que nenhum outro se lhe pode igualar), quero dizer, as *letras humanas*, é estabelecer com clareza a justiça distributiva, e dar a cada um o que é seu, e o procurar fazer, que as boas leis se guardem e se cumpram: fim por certo êste generoso, e digno de grande louvor [...] (CERVANTES, 1960 [1605-1615], v. 2, p. 429; grifos nossos).

E Francisco Manuel de Melo, no seu “apólogo dialogal quarto”, intitulado *Hospital das Letras* (escrito em 1657 e publicado em 1721), emprega as expressões “letras divinas e humanas”, bem como as fórmulas equivalentes “ciências divinas e humanas” e “divina e humana erudição” (MELO, s. d. [1657; 1721], p. 5, 7 e 8)².

Sobre a história da quarta adjetivação — até aqui enumeramos *humaniores*, *humanae*, *divinae* —, que redundou na expressão francesa *bonnes lettres* — documentada no renascimento (cf. WELLEK, 1982 [1972], p. 13) —, bem como no equivalente inglês *good letters* — corrente até fins do século XVII (cf. WELLEK, 1982 [1972], p. 13) —, também não encontramos esclarecimentos mais significativos. Adrian Marino aponta-lhe duas origens antigas e uma renascentista: em Tertuliano (século II-III d. c.) ocorrem as expressões *sacrae* (isto é, *bonae*) *litterae* e *malae litterae* (isto é, as “letras profanas”, que ele exemplifica com a tragédia e a comédia); em Agostinho (século V d. C.) se encontra a frase “*Bonae sunt litterae.*”; e em Erasmo se acha com frequência a expressão *bonae litterae*, porém num sentido já secularizado, significando que o culto das letras é “bom” sob os aspectos didático, intelectual, lingüístico, moral e epicurista (cf. MARINO, 1996, p. 17-18 e 89). René Wellek, por sua vez, na passagem antes referida, dá a expressão — que situa como sincrônica e equivalente a *litterae humanae* e *lettres humaines* — como fruto da “clara consciência de uma nova literatura secular” (WELLEK, 1982 [1972], p. 13) que surgiu com o renascimento, donde é possível concluir que as *bonnes lettres* (“nova literatura secular”) também nomeavam aquele conjunto de discursos definido por sua diferença quanto às “letras divinas”. Assim, um critério ético iguala as qualidades expressas nos adjetivos *boas* e *humanas* — o que é humano é bom e vice-versa —, equação aliás presente na passagem do *Dom Quixote* já citada: “O fim [das] letras *humanas* [...]”

² Assinale-se ainda que nos dicionários portugueses mais antigos encontra-se consignada a distinção “letras (ou ciências) divinas / letras (ou ciências) humanas”: o *Vocabulário* de Rafael Bluteau (1712-1728) registra “letras divinas” e “letras humanas” (v. 5 [1716], p. 89), bem como “sciencias humanas” e “sciencias divinas” (v. 5 [1716], p. 158); o *Dicionário* de Antônio de Moraes e Silva (1789), refere “letras humanas” (v. 2, p. 17).

é procurar fazer, que as *boas* leis se guardem e se cumpram [...]” (CERVANTES, 1960 [1605-1615], v. 2, p. 429; grifos nossos)³.

Enfim, venhamos à quinta adjetivação historicamente atribuída ao vocábulo *letras*, única que compõe expressão ainda não de todo obsoleta: *belas letras*. Adrian Marino (1996, p. 22 e 61) aponta-lhe antecedentes bem remotos, na expressão *peritia pulchre loquendi*, empregadas por Cassiodoro (séculos V-VI d. C.); naturalmente, trata-se de vocabulário vinculado à terminologia da retórica, constituindo, no entanto, ocorrência isolada, não se credenciando assim, a nosso ver, como origem do termo em causa. René Wellek, por seu turno, situa a emergência da expressão no século XVII, em francês, considerando-a, tanto quanto o sintagma *bonnes lettres*, equivalente a *lettres humaines*. Em abono do que diz, lembra que Charles Perrault, em 1666, propõe a criação de uma Academia onde houvesse uma seção de *belles lettres*, que incluiria gramática, eloquência e poesia (cf. WELLEK, 1982, p. 13-4), cabendo ainda referir, a propósito, a fundação, em 1663, da Académie des Inscripton et Belles-Lettres, por iniciativa de Jean-Baptiste Colbert (cf. MARINO, 1996, p. 174)⁴.

Pode-se contudo entrever, no deslocamento da preferência dos adjetivos *humanas* e *boas* para *belas*, mais do que simples questão de sinonímia. Assim, numa época em que os discursos se acham sob controle da disciplina retórica, é possível supor que *belas*, como atributo caracterizador de certa modalidade das letras, indicia a supervalorização de uma das virtudes da elocução segundo aquela

³ Os mais antigos registros da expressão “boas letras” na lexicografia portuguesa são os seguintes: *Vocabulário* de Rafael Bluteau (1712-1728), v. 5 (1716), p. 89, e v. 9 (1727), p. 562; segunda edição (1813) do *Dicionário* de Antônio de Moraes e Silva, v. 2, p. 216. A ausência da expressão na primeira edição do *Dicionário* de Moraes e Silva (1789) provavelmente se deve a algum lapso, considerando sua inclusão no *Vocabulário* de Bluteau — fonte principal do Moraes —, bem como o fato de nela já se registrar “belas letras”, expressão de circulação posterior.

⁴ Cabe assinalar, no que tange à lexicografia portuguesa mais antiga, que a expressão “belas letras” não figura no *Vocabulário* de Rafael Bluteau (1712-1728), sendo porém referida já na primeira edição (1789) do *Dicionário* de Antônio de Moraes e Silva (v. 2, p. 16).

disciplina — o ornato —, em detrimento das demais (pureza, clareza, correção, boa colocação). Essa interpretação do ornato retórico como exigência de beleza parece compor-se ainda com a garantia de um lugar para o “coração” na pedagogia das letras, superando-se desse modo a referência única ao “espírito” (em outros termos, a *inteligência* concede parceria à *sensibilidade* na formação literária). Sinal dessa espécie de consórcio entre a beleza e a sensibilidade no trato com as letras encontramos cristalizado no título de obra publicada em 1726-28, reunindo conferências proferidas por Charles Rollin em 1688 no Collège Royal de Paris: *De la manière d’enseigner et d’étudier les belles-lettres, par rapport à l’esprit e au coeur* (cf. BRYCE, em SMITH, 1985 [1762-1763; 1963], p. 30).

Achamos necessário, agora, associar o rastreamento da expressão *belles lettres* com a do termo *beaux arts*, que lhe é tão próximo sob todos os aspectos. Embora tenhamos encontrado caracterização que o tome como “termo diferencial criado no século XVII” (FONTIUS, 2002 [1977], p. 112), o fato é que somente no século seguinte seu uso se generaliza⁵. No entanto, independentemente da questão cronológica, convém fixar que o conceito de *beaux arts* introduzia novo princípio na classificação das artes. Assim, em vez da distinção medieval entre as *artes mechanicae* e as *artes liberales* — ou seja, entre ofícios servis e atividades intelectuais —, as *beaux arts* apontavam para uma outra esfera, em que a diferença entre perícia manual e proficiência intelectual se neutralizava numa atividade que as transcendia:

Antes que dança, música, escultura, arquitetura, pintura e poesia fossem integradas como um sistema conjunto de artes, teve de ser vencido o preconceito contra o trabalho manual, que se originou na classe dos donos de escravos.

⁵ Cf.: “[A expressão *Beaux-Arts*] é... aceita no século XVIII. É verdade que *Beaux-Arts*, embora La Fontaine dela se tenha servido, não se encontra nem em Richelet, nem na Academia em 1634. Foi esquecida, ou realmente a Instituição teria considerado ainda como ‘Artes Mecânicas’ a Escultura e a Pintura? Furetière assim o pretende. Em todo caso, é um fato a levar em conta que o registro oficial da língua francesa não acolheu esta palavra composta senão em 1798!” (BRUNOT, *Histoire de la langue française*, apud ROBERT, 1958, v. 1, p. 444; tradução nossa.)

Enquanto vigorava a tradição do sistema antigo das *artes liberales*, que repousava no desprezo contra o trabalho manual, sinal de escravidão, não se podia falar em uma teoria estética abrangente. Para uma tal teoria, faltavam ainda as premissas básicas à Renascença, que elevou as artes visuais do estado de artes mecânicas para o de artes livres. O modo como Da Vinci defendia a pintura como “ciência” deixa isto bem claro (FONTIUS, 2002 [1977], p. 116).

Ora, sem discordar dessa argumentação sociológica, julgamos que a rejeição, no que tange às artes, dos atributos “mecânicas” e “liberais”, em favor de “belas”, também se explica por um influxo sobre as artes da noção de beleza que começou a impor-se originariamente no campo das letras. Assim, desde fins do século XVII, como vimos, a priorização do conceito retórico de ornato, que acaba então se conjugando à idéia de belo enquanto predicado apreensível pela sensibilidade (e não mais, à maneira clássica, enquanto elemento inteligível situado no mesmo plano das demais virtudes da elocução — pureza, clareza, correção, boa colocação), parece ter transbordado do âmbito das letras para uma reflexão mais ampla, que vislumbra nas artes um setor privilegiado para a consideração da beleza, donde a constituição do conceito genérico de *belas artes*. Estas então compõem um sistema cuja referência primeira parece terem sido as belas letras (já naquela altura distintas de duas artes liberais suas antecessoras, gramática e retórica), e que absorve uma outra antiga arte liberal, a música (que então se afasta de seus pares do *quadrivium* — aritmética, geometria e astronomia), além de atrair outras artes que até aquele momento desconheciam maiores dignidades intelectuais e reconhecimento filosófico: pintura, escultura, arquitetura e dança. Desse modo se perfaz, no século XVIII, o conjunto que veio a chamar-se *belas artes* — integrado por belas letras, música, pintura, escultura, arquitetura e dança —, instaurando-se assim a concepção moderna de arte: não mais ofício, profissão, perícia ou técnica, cujo domínio requer tão-somente adestramento em regras, porém elevada manifestação das faculdades subjetivas de criar, sentir e perceber, aptas ao trato delicado da beleza.

Até aqui, caracterizamos as belas artes como produto de uma espécie de efeito expansivo das belas letras, hipótese que julga-

mos poder lastrear com dois argumentos conjugados que invocam precedências cronológicas: a idéia de ornato, que se articula com a de beleza artificialmente produzida, se formulou originariamente no âmbito das letras; a expressão *belas letras* começa a circular no século XVII, ao passo que *belas artes*, ainda que aparecida também no século XVII, somente se consolida na centúria subsequente⁶. (NOTA 6) Acreditamos contudo que é mais apropriado pensar-se num influxo recíproco desses conceitos, que se fortalecem mutuamente ao longo do século XVIII, quando se vai definindo, no campo da filosofia, uma reflexão sistemática sobre a idéia de beleza natural e beleza artística, que veio a chamar-se *estética*, e que consoma a constituição conceitual do conjunto das belas artes. Esse processo de influxo mútuo entre belas letras e belas artes se evidencia numa série de eventos e obras, a partir da segunda metade do século XVII e ao longo do XVIII: 1 – fundação por Jean-Baptiste Colbert da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres (1663); 2 – proposição por Charles Perrault de uma seção acadêmica denominada *belles lettres* (1666); 3 – conferências de Charles Rollin no Collège Royal de Paris (1688), depois publicadas sob o título *De la manière d’enseigner et d’étudier les belles-lettres, par rapport à l’esprit et au coeur* (1726-1728); 4 – publicação de *An essay concerning human understanding* (John Locke, 1690); 5 – publicação de “On the pleasures of the imagination” (Joseph Addison, 1712); 6 – publicação de *Inquiry into the origin of our ideas of beauty and virtue in two treatises* (Francis Hutcheson, 1725); 7 – publicação de *Principi di una scienza nuova dintorno alla comune natura delle nazioni* (Giambattista Vico, 1725 e 1730); 8 – publicação de *Meditationes philosophicae de nonnullis poemata pertinentibus* (Alexander Baumgarten, 1735); 9 – publicação de *Metaphysica* (Alexander Baumgarten, 1739); 10 – publicação de *Essai sur le beau* (Yves-Marie André, 1741); 11 – publicação de *Les beaux-arts réduits à un meme principe* (Charles Batteux, 1746); 12 – publicação de *Aesthetica* (Alexander Baumgarten, 1750-1758); 13 – publicação de *Sur le beau* (Denis Diderot, 1751); 14 – publicação de *Analysis of beauty* (William Hogarth, 1753); 15 – publicação de *A philosophical inquiry into the origin of our ideas of the sublime and beautiful* (Edmund Burke, 1757); 16 – publicação de *Four*

⁶ Ver nota anterior

dissertations (David Hume, 1757); 17 – conferências de Hugh Blair na Universidade de Edimburgo (1759), publicadas depois sob o título *Lectures on rhetoric and belles lettres* (1783); 18 – conferências de Adam Smith na Universidade de Glasgow (1762-1763), recolhidas no manuscrito *Notes of Dr. Smith's rhetoric* (descoberto em 1958), depois publicado em 1963 sob o título *Lectures on rhetoric and belles lettres delivered in the University of Glasgow by Adam Smith, reported by a student in 1762-63*; 19 – publicação de *Laokoon* (Gotthold Ephraim Lessing, 1766); 20 – primeiro discurso sobre a arte — de uma série de quinze, publicados em conjunto no ano de 1797, sob o título *Discourses on art* — proferido por Joshua Reynolds, por ocasião da abertura oficial da Royal Academie (1769); 21 – publicação de *Investigaciones filosóficas sobre la belleza ideal* (Esteban de Arteaga, 1789); 22 – publicação de *Kritik der Urteilskraft* (Immanuel Kant, 1790); 23 – publicação de *Über die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen* (Friedrich Schiller, 1795).

As belas letras, assim, segundo a hipótese aqui esboçada, deflagradoras e logo beneficiárias de um sistema no qual se integram e se consolidam — sistema dito “estético”, a partir da palavra cunhada por Alexander Baumgarten em seu opúsculo de 1735, e que se tornaria título de sua obra de 1750-1758, já referidos —, apontam, desde fins do século XVII e sobretudo ao longo do XVIII, para uma nova partilha do campo das letras: o critério teológico-ético que fundamentou partilhas anteriores — *humaniores litterae, litterae humanae*, letras humanas, letras divinas, boas letras — se retrai em favor de um critério estético, que passa a distinguir de maneira cada vez mais nítida entre as letras consideradas *belas* (em que prevalece o ornato assimilado a beleza e sensibilidade, ou, em termos propriamente estéticos, um ideal de beleza formal destinada à contemplação desinteressada) e as letras que poderíamos chamar *filosóficas* ou *científicas* (em que predomina a clareza entendida como apanágio da razão objetiva, bem como um senso pragmático ou utilitarista).

A expressão *belas letras*, porém, não se revelaria longeva. Desde o início do século XVIII começa a sofrer a concorrência da palavra *literatura*, a qual, já na segunda metade daquele século — e sobretudo a partir do século XIX — impõe-se na maioria das línguas

ocidentais para designar certo segmento dos discursos escritos a que poderíamos chamar — num gesto de simplificação que julgamos aceitável para nossos objetivos — as *letras artísticas*, caracterizadas por contraste com as *letras filosóficas* e as *letras científicas*.

Ao contrário, no entanto, dos demais ancestrais do termo *literatura, belas letras*, como já afirmamos, é o único não de todo obsoleto. No entanto, se excetuarmos suas raras utilizações residuais na acepção tradicional (por exemplo, KAYSER, 1967 [1948], v. 1, p. 9), permanece empregado apenas como expressão pejorativa, num processo de degradação semântica análogo ao que se passou com a palavra *retórica*, com a qual aliás, segundo demonstramos, está relacionado. Assim, desde o romantismo a locução *belas letras* veio tendo sua pertinência crescentemente posta em xeque, como decorrência de várias experiências artísticas de pendor revolucionário e como tal contrárias a qualquer consenso quanto à idéia de beleza e sua identificação com a de arte literária. Passou assim a expressão *belas letras* a prestar-se a um emprego irônico e depreciativo, voltado para a desqualificação de concepções artístico-literárias que se consideram, quando muito, apenas corretas e bem comportadas, porém sempre produtos diletantes, conservadores, frívolos e reacionários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMGARTEN, [Alexander Gottlieb]. *Reflexiones filosóficas acerca de la poesia*. Madrid: Aguilar, 1964 [1735].
- . *Estética; a lógica da arte e do poema*. Petrópolis: Vozes, 1993 [1735; 1739; 1750].
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1716. [V. 5 (L-N)].
- . *Vocabulario portuguez e latino*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727. [V. 9 – Suplemento (Parte 1) – A-L].
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Trad. dos Viscondes de Castilho e de Azevedo. São Paulo: Edigraf, 1960 [1605-1615]. 3 v.

- DAMISCH, Hubert. Artes. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. V. 3 (Artes-Tonal/atonal), p. 11-65.
- FERRATER MORA, José. Ciencias (classificación de las). In: ---. *Diccionario de filosofía*. Buenos Aires: Sudamericana, 1971 [1941]. V. 1, p. 287-290.
- . Humanismo. In: ———. *Diccionario de filosofía*. Buenos Aires: Sudamericana, 1971 [1941]. V. 1, p. 875-878.
- . *Trivium y quadrivium*. In: ———. *Diccionario de filosofía*. Buenos Aires: Sudamericana, 1971 [1941]. V. 2, p. 840.
- FONTIUS, Martin. Literatura e história: desenvolvimento das forças produtivas e autonomia da arte [1977]. In: LIMA, Luiz Costa, org., sel. e introd. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 [1975]. V. 1, p. 97-197.
- FUMAROLI, Marc. Introduction. In: ———. *L'age de l'eloquence; rhetorique et "res litteraria" de la Renaissance au seuil de l'époque classique*. Genève: Droz, 1980. p.1-34.
- HUISMAN, Denis. *L'esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963 [1954].
- KAYSER, Wolfgang. O objecto da ciência da literatura. In: ———. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra: Arménio Amado, 1967 [1948]. V. 1, p. 5-14.
- MARINO, Adrian. *The biography of "the idea of literature"*. Albany: State University of New York, 1996.
- MELO, Francisco Manuel de. *Hospital das Letras*; apólogo dialogal quarto. Rio de Janeiro: Bruguera, s. d. [1657; 1721].
- MOISÉS, Massaud. Belles-Lettres. In: ———. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1978 [1974]. p. 61.
- MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. *A estética da ilustração*; textos doutrinários comentados. São Paulo: Atlas, 1992.
- PRADO JÚNIOR, Bento. Filosofia e belas-letas no século XVIII. In: MATOS, Franklin de. *O filósofo e o comediante*; ensaios sobre filosofia e literatura na ilustração. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001. p. 10-15.

- ROBERT, Paul. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*; les mots e les associations d'idées. Casablanca: Société du Nouveau Littre; Paris: S. A. F. O. R., 1958. V. 1.
- SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 v.
- . *Diccionario da lingua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2 v.
- SMITH, Adam. *Lectures on rhetoric and belles lettres*. Indianapolis: Liberty Classics, 1985 [1762-1763; 1963].
- WELLEK, René & WARREN, Austin. Natureza da literatura. In: ---. *Teoria da literatura*. Lisboa: Europa-América, 1962 [1949]. p. 25-34.
- WELLEK, René. Literature and its cognates. In: WIENER, Philip P., ed. *Dictionary of the history of ideas*; studies of selected pivotal ideas. New York: Charles Scribner's, 1973. V. 3, p. 81-89.
- . The attack on literature [1972]. In: ———. *The attack on literature and other essays*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1982. p. 3-18.
- WILLIAMS, Raymond. Introduction. *Culture and society; 1780-1950*. New York: Columbia University Press. 1983 [1958]. p. xiii-xx.